

CORPO GORDO FEMININO: CONCEPÇÕES DE SI

Carla Rosane Mattos Gautério¹

Méri Rosane Santos da Silva²

RESUMO

O objetivo dessa investigação é analisar as concepções de corpo das mulheres do Grupo Colméia, da cidade de Rio Grande – RS, que se consideram gordas. Como referencial metodológico usou-se os Estudos Culturais e o Grupo Focal serviu como ferramenta para a obtenção das informações, as quais foram analisadas através da Análise de Conteúdo. As narrativas das mulheres demonstraram que elas estão aprisionadas ao poder que controla o corpo através de um ideal de beleza e saúde padronizado. Ser bela para a maioria delas é ter um corpo magro e saudável.

Palavras-chave: Cultura, Mulher, Corpo Gordo

INTRODUÇÃO

O corpo gordo, o qual é tratado no discurso médico como obeso, é um tema atual, que está sendo considerado um problema de saúde pública. Este corpo envolve uma complexa rede de relações sociais, culturais e biológicas, porém, nota-se, em geral, que os aspectos mais estudados sobre o corpo gordo são os biológicos.

Frente à amplitude do tema, é intuito dessa pesquisa olhar o corpo gordo sob os aspectos culturais e sociais, visto que nossa sociedade está sempre em constante modificação social, econômica, política e cultural, os quais devem ser levados em consideração. Desse modo, a pesquisa direciona seu estudo sobre o corpo das mulheres considerada gordas, fundamentando-se em Goellner (2001), que afirma que o corpo feminino, ao longo do tempo foi alvo de “estratégias de controle e ocultamento a ele dirigida. (p.36). As mulheres foram e são muito interpeladas a seguir modelos

¹ Graduada no Curso de Educação Física Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, mestranda do Programa de Pós Graduação Educação em Ciências: química da vida e saúde - FURG .
E-mail: gauteriocarla@yahoo.com.br.

² Prof^a da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Instituto de Educação, Licenciatura em Educação Física, Programa de Pós Graduação Educação em Ciências: química da vida e saúde.

idealizados de corporeidade; o culto a magreza e a rejeição aos gordos, considerados fora dos padrões de beleza e saúde da atualidade, mostram uma forma de controle e poder sobre os corpos femininos

Assim, esse trabalho procura identificar diferentes concepções sobre o corpo gordo da mulher. Para isso, o objetivo geral dessa pesquisa é analisar a concepção de corpo das mulheres que se consideram gordas do Grupo Colméia³, da cidade de Rio Grande – RS.

Compreender que o corpo está em constante modificação em relação a seus significados é essencial, pois o que era considerado como belo e saudável, em épocas anteriores, atualmente, pode ser considerado como feio e doente. Essa pesquisa busca perceber a constituição do corpo como histórico, pessoal, cultural e social. Isso permite tentar superar “verdades” tidas como dadas, levando em consideração aspectos da vida dessas mulheres, para melhor compreender esse tema.

A CONSTRUÇÃO DO CORPO GORDO: HISTÓRIA, CULTURA, GÊNERO E MULHER

As percepções que o ser humano desenvolve sobre sua corporeidade e suas formas de comportamento intelectual, moral, afetiva e física, são dependentes de aspectos culturais e sociais que se estabelecem através de processos históricos, que estão sempre em constante modificação. Dessa maneira, o corpo não é algo dado a *priori*, ele é provisório, mutável e mutante, estando suscetível a várias interferências com relação ao contexto em que ele está inserido. (GONÇALVES, 1997 e GOELLNER, 2008.

A gordura corporal, em outras sociedades, era considerada símbolo de beleza e saúde e, sobre isso, Sant’Anna (2001) afirma que havia “tempos menos duros para com os corpos pesados”. As pessoas gordas eram consideradas formosas e possuíam prestígio social, pois a adiposidade ainda não havia se tornado sinônimo de doença e feiúra.

³ Associação Movimento Solidário Colméia é uma sociedade civil que tem como principal objetivo possibilitar o resgate da cidadania e melhorar a qualidade de vida de algumas famílias que residem no bairro Assis Brasil e seus arredores, no município do Rio Grande/RS. Essas famílias vivem em situação de extrema pobreza, sobrevivendo, muitas vezes, do que catam do lixo.

A compreensão de que o corpo é uma construção histórica, social e cultural, possibilita um debate sobre gênero enfatizando que o mesmo não é algo dado *a priori*; ele indica uma construção que se realiza através das relações e instituições sociais (família e escola, por exemplo) ao longo da vida, estabelecendo como ser homem e mulher. A linguagem que produz o “que é ser mulher” e o que “é ser homem”, afirma Louro (2010), é sempre destacada nos corpos, através do contexto de determinada cultura e, por isso, são socialmente estabelecidas.

Enfatizar, então, que as diferenças entre homens e mulheres não se dão somente através de definições biológicas é importante. Isso possibilita entender o corpo como “produzido na cultura e pela cultura”, ultrapassando o olhar naturalista com que, muitas vezes, o corpo é explicado e tratado.

Entendendo que o corpo é uma construção tanto biológica como cultural, é importante perceber como foi se constituindo o corpo feminino ao longo do tempo. Durante a gestação e ao nascerem, os meninos e as meninas têm suas vidas delineadas nas expectativas de sua mãe e seu pai, e isso depende do sexo. O bebê vai se constituindo como um corpo masculino ou feminino, guiado por um aprendizado que começa na instituição familiar.

Soares (2008) fala sobre a repressão colocada ao corpo feminino, o qual tinha seu lugar no âmbito privado. Porém, ao longo do tempo, passou a romper com essas estruturas e o corpo da mulher torna-se visualizado na vida pública. Goellner (2006) coloca que o corpo feminino se “despiu” e agora é observado em diversas instâncias culturais como na televisão, nas propagandas, nos cartazes... Com seu corpo em exibição, as mulheres passam cada vez mais a buscar uma perfeição corporal.

Sant’Anna (1995) afirma que a concepção de que a beleza é uma característica feminina, assim como a força é uma particularidade masculina, atravessa os séculos e as culturas como algo *a priori* (p. 121). As mulheres deixam as amarras dos espartilhos para se tornarem prisioneiras de uma doutrina que não permite nenhuma mudança; engessando sua identidade corporal feminina à tríade beleza-juventude-saúde.

Assim, admite-se que o corpo da mulher está sempre sendo re/descoberto e re/inventado. Todas as marcas que se constrói sobre a corporeidade feminina são

“produzidas” pela cultura e pela sociedade, de múltiplas formas em tempos e espaços diferentes.

ORGANIZANDO MINHA CAIXA DE FERRAMENTAS: CAMINHOS PARA A PESQUISA

Essa pesquisa se apóia no campo dos Estudos Culturais, utilizando o Grupo Focal como estratégia para produção de informações, as quais foram analisadas através da Análise de Conteúdo.

Com relação aos Estudos Culturais, Costa, Silveira e Sommer (2003) falam sobre a busca da descentralização da concepção de cultura, deixando o etnocentrismo; "abrindo portas" para uma diversidade de possibilidades de análises sobre culturas populares, incluindo pequenos grupos que antes eram desconsiderados. Dessa maneira, os Estudos Culturais se caracterizam por não ser hegemônico e disciplinar, não admitindo, como diz Costa (2000), uma tendência naturalizada, ou seja, a qual possui um único ponto central de referência para o estudo das culturas. (p.13)

A ferramenta utilizada para a produção de informações foi o Grupo Focal, que prevêem a obtenção das informações, a partir de discussões em grupo, nas quais os indivíduos podem expressar “suas percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologia, permitindo compreender os processos de construção da realidade por determinados grupos sociais”, através da interação entre os sujeitos. (GATTI, 2005, p.11).

Com relação à escolha do local para intervenção de pesquisa, optou-se por trabalhar com o Grupo Colméia, que está situado no bairro Assis Brasil, na cidade do Rio Grande - RS. Os motivos que levaram a preferência por este público foram os seguintes: a maioria dos indivíduos que frequentam são mulheres, que são o foco da pesquisa, e a receptividade das organizadoras do Grupo Colméia, que permitiram o acesso às mulheres. Para a seleção das participantes, as mesmas deveriam possuir uma característica em comum, o sexo, além de se considerarem gordas, sendo que nenhum outro critério foi utilizado para a participação ou exclusão do trabalho.

Como estratégia de formação do grupo que participaria da pesquisa, realizou-se um convite, no qual foi explicado sobre a temática a ser discutida, propondo a

participação das mulheres. Assim, foi constituído o grupo, que se caracterizava por mulheres com idade entre vinte e sessenta anos, das quais 40% não trabalham fora de casa e o restante são empregadas domésticas informais. Importante ressaltar que foram repassadas as mesmas um termo de Consentimento Livre e Esclarecido, os quais foram assinados por elas.

Foram feitas quatro reuniões, sendo que os encontros foram gravados e filmados, para uma melhor análise. Com relação ao número de mulheres que participaram, na primeira sessão, compareceram doze e nas outras três a metade.

Para o roteiro, que serviu para conduzir as discussões nos encontros com o grupo, o mesmo teve como finalidade orientá-las e estimulá-las. Porém, o processo interativo entre elas foi sempre priorizado, existindo a flexibilidade entre os temas. As mulheres foram estimuladas a falar através da apresentação de slide e essas conversas fluíram com bastante facilidade.

Observando algumas narrativas, no decorrer dos encontros, foram incluídos outros pontos nas conversas: a velhice relacionada à gordura e as diferenças entre homens e mulheres com relação às exigências corporais. Porém, as discussões em relação a esses pontos não ocorreram, no entanto, outros dois aspectos foram trazidos e abordados por elas durante os encontros: o preconceito e a situação econômica, pontos que as mulheres consideraram relevantes.

O próximo passo, então, foi à análise das informações obtidas e, para isso, esta pesquisa se propôs a trabalhar com a metodologia denominada Análise de Conteúdo (AC), a qual, segundo Bardin (1977), define-se como um conjunto de técnicas de análise que, através de uma descrição sistemática, quantitativa ou qualitativa, possibilita níveis de compreensão mais profundos sobre o assunto que se pretende investigar.

Para Moraes (1999), a AC é constituída de cinco etapas: preparação do material; codificação; unitarização; categorização; e por fim a descrição, as quais foram obedecidas nessa pesquisa. Por fim, o autor fala sobre a interpretação das mensagens, a qual busca uma compreensão dos significados para além de uma simples leitura, buscando um entendimento mais aprofundado, através de uma exploração das informações obtidas nos encontros com as mulheres do Grupo Colméia, expressos nas categorias de análise.

AS DIFERENTES VOZES DAS MULHERES DO GRUPO COLMEIA

Ao dar vozes às mulheres do Grupo Colméia, poder-se-á entender quais são as concepções que elas possuem de seus corpos. Considerando-se como gordas, essas mulheres discutem essa questão através de quatro fatores: beleza e saúde, preconceito, sexualidade e situação econômica, e irão mostrar como compreendem sua corporeidade a partir disso. A leitura a seguir tentará então, elucidar o objetivo dessa pesquisa.

É relevante entender, através das produções teóricas como a corporeidade feminina vem se constituindo, observando a disciplinarização⁴ que foi colocada aos seus corpos, como uma “técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício” (FOUCAULT, 2002, p.143). Essa disciplina da corporeidade é colocada através de padrões sociais de beleza e saúde, das linguagens que constituem o que é ser mulher, produzindo identidades, aprovando ou patologizando os indivíduos, não apenas nomeando esse corpo, mas criando-o. O poder da linguagem que nomeia, classifica e define a normalidade e anormalidade, designa, por exemplo, o que é “considerado saudável, belo e jovem” (GOELLNER, 2008, p. 29),

Assim, a linguagem que se utiliza do binômio **saúde-beleza** vem produzindo em diferentes épocas, a corporeidade feminina. “Beleza exterior e saúde, aparência desagradável e doença cada vez mais se associam como sinônimos, no tocante às representações do corpo feminino” (NOVAES, 2006, p. 85). O que se observa através dessa disciplinarização são concepções do que é ser um indivíduo saudável e belo em determinados períodos e contextos históricos. Antes ter um corpo gordo era sinônimo de beleza e saúde, porém, a partir do século XX, principalmente, da metade em diante, essa representação sofre modificações. Como diz Andrade (2003), uma nova configuração de corpo se estabelece; as silhuetas arredondadas dão lugar às formas magras e esguias, que são valorizadas nas sociedades ocidentais contemporâneas.

Dessa maneira, cada vez mais a beleza e a saúde estão relacionadas e sobre isso Novaes (2006) afirma que “cultivar a beleza, a boa forma e a saúde”, a partir de um

⁴ A disciplinarização entendida como uma política do detalhe (FOUCAULT, 2002), ou seja, através de mecanismos muito sutis, de um olhar minucioso controla e utiliza os sujeitos para se “comportarem” conforme a sociedade deseja.

padrão estético estabelecido, apontam para um sistema de ideias que se fixam como um verdadeiro estilo de bem viver, pois cuidar do corpo é indispensável para se chegar ao caminho da felicidade (p. 84).

Utilizando a concepção da autora acima, percebi, após os encontros com as mulheres, o quanto elas se preocupavam com a beleza e a saúde, associando o corpo gordo à feiúra e à magreza com a felicidade e o belo. A fala abaixo evidencia isso.

Acácia: “Antes eu era bem faceira, bem magrinha. Agora to virando uma porca. A gente bota uma roupa e fica horrível; bota uma roupa fica ridículo.”

Ela atrela a magreza à alegria, como algo que traz satisfação. Ser bela é ser magra. Dessa forma, as mulheres travam uma busca desenfreada por um corpo ideal, muitas vezes, para satisfazer a cobrança social e familiar, como demonstram as falas de “**Violeta**” e “**Acácia**”. Elas não aceitem a gordura corporal, mas demonstram descontentamento, através dos olhares e expressões, por “terem” que se adequar a esse modelo de magreza.

Violeta: “quando a gente tá gorda não serve.”
Acácia: “Minha filha diz que estou horrível e que tenho que dar um jeito. Prefiro ficar mais magrinha”.

O corpo magro para essas mulheres é sinônimo de beleza e de aceitação. Segundo elas, para que sejam admiradas e se sintam femininas, obrigatoriamente, devem estar magras. A insistência em associar a beleza à mulher, não é algo recente, Novaes (2006) destaca que a corporeidade feminina “na cultura confunde-se com a da beleza”. A autora lembra que os discursos mais enfatizadas sobre a mulher é de que “ela pode ser bonita, deve ser bonita, do contrário não será totalmente mulher”.

Diante da estreita ligação entre a beleza e o corpo feminino, torna-se importante falar sobre a feiúra. O termo feiúra tem sua origem no latim *foeditas*, que significa simultaneamente, sujeira e vergonha, sendo que o feio é considerado o antônimo do belo. Como a gordura está vinculada à feiúra, os gordos tornam-se desviantes dentro do contexto de moralização e do disciplinamento da beleza, no qual o culto ao corpo é a regra. (NOVAES, 2006).

Isso promove modificações e pedagogias de controle sobre a corporeidade feminina. Com isso, percebe-se que existiram e existem, como diz Foucault (2002), “várias técnicas sempre minuciosas muitas vezes íntimas, mas que têm sua importância: porque definem um certo modo de investimento político e detalhado do corpo” (p. 120), as quais produzem formas de constituir os corpos femininos em determinadas épocas. Para as mulheres do Grupo Colméia os modelos de magreza devem ser seguidos, mesmo que não seja o desejável nas suas concepções, mas é a maneira de serem aceitas pela sociedade.

Por isso, elas acreditam que devem perder peso, para que seus corpos gordos possam se ajustar às concepções corporais pré-estabelecidas. A linguagem que integra a mulher gorda ao desleixo, acaba gerando uma culpabilização daquelas que não conseguem se “moldar” às exigências sociais de beleza e saúde. Entretanto, o fato de os padrões estéticos terem sofrido transformações ao longo do tempo, passando por um evidente processo de emagrecimento, “não autoriza a tornar generalizáveis os critérios para a atribuição da gordura como uma característica indesejável” (NOVAES, 2006,). Porém, a fala de “*Orquídea*” expressa o contrário:

Orquídea: “Vamo dize que a gente tá lá na praia deitadinha; ai passa uma magrinha toda bonitona e fica nos olhando. E aí já fica aquela coisa que a gente já não gosta e se sente mal. [...], não se olha no espelho, [...]”

No relato acima, “*Orquídea*” enfatiza seu constrangimento diante de situações que, segundo ela, reafirmam sua “feiúra”, a qual está atrelada à gordura. Para nossa sociedade existir significa ser visto; construindo uma nova concepção que torna os sujeitos espectadores e espetáculo, procurando no olhar do outro a sua aprovação. (NOVAES, 2006)

Em uma comparação com uma mulher magra, “*Orquídea*” se posiciona como uma estranha com relação a si mesma, a qual não consegue observar-se no espelho e nem se reconhecer. Problemáticas como esta cria uma busca frenética pela magreza, caracterizando a sociedade atual, segundo Fischler (1995), como lipofóbica, a qual possui uma obsessão por um corpo magro e uma rejeição à gordura.

Com isso, as mulheres, desde cedo, estão aprendendo a olhar os seus corpos através desse referencial de magreza e essa é a razão pela qual muitas delas sujeitam-se a uma série de rituais e sacrifícios, como por exemplo, as cirurgias plásticas e dietas milagrosas. A fala de “**Acácia**” enfatiza isso.

Acácia: “Se eu resolvo emagrece mesmo eu fico com fome! Chego a ver três na frente dos olhos, mas fico! Me dá uma tremedeira, mas eu tomo um chimarrão⁵, tomo água e deo.”

Complementando a fala acima, “**Violeta**” diz:

Violeta: “Eu não penso muito na minha saúde não. Eu quero emagrecer mais pela parte estética.”

O que se percebe nas duas falas de “**Violeta**” e “**Acácia**” é que a prioridade para elas é alcançar um corpo magro, não para manter a saúde, mas para serem belas. Outras narrativas demonstram a associação da magreza a saúde:

Acácia: “O peso influencia. Mais magra tudo é melhor; até pra correr, pra caminhar, pra dormir, tudo! Pra deitar e pra levantar mais ligeiro, tudo é melhor quando tá mais magra. Eu já tive bem mais gorda e não me sentia bem. A minha PA⁶ sob mais”

Orquídea: “Eu pesava 62 kg. Depois fui baixando, baixando, entendesse. Fui diminuindo[...]. Mas depois fiquei melhor ainda magrinha, tenho disposição, procuro fazer as coisas mais rápidas, mais agilidade [...] agora me sinto mais disposta.”

As mulheres elegem a agilidade, a rapidez e a disposição, fatores que, segundo elas, estão relacionados à saúde, como características do corpo magro; já o corpo gordo é visto por elas como antônimo a esses fatores.

Para “**Acácia**”, a gordura não prejudica só sua saúde, mas atrapalha também seu trabalho em casa e fora. Em sua fala abaixo ela afirma:

Acácia: “Quando eu engordo é horrível! Porque quando eu emagreço eu faço as minhas coisas mais rápido, eu fico mais disposta. Agora é eu engorda, pronto! Se eu puder eu passo o dia inteiro sentada. É ruim tanto pro trabalho de casa e fora.”

⁵ Bebida típica do Rio Grande do Sul.

⁶ Pressão Arterial.

Andrade (2003) enfatiza que as indústrias procuram por corpos cada vez mais ágeis e aptos, qualidades que, na maioria das vezes, não é atribuída àqueles com excesso de peso. “**Acácia**” afirma que sua gordura corporal atrapalha o seu trabalho fora e em casa e, com isso, ela reforça o discurso de que o corpo gordo está vinculado à imobilidade, à falta de agilidade e de disposição, adjetivos estes que são exigidos pelo mercado de trabalho. Entretanto, algumas mulheres do grupo discordam dessa colocação e se manifestam dizendo:

Violeta: “Eu me sinto normal, o peso não me atrapalha. Isso que eu trabalho em casa de família⁷ das 8 h às 16 h 30 min.; ainda chego em casa e tenho tudo pra fazer.”

Rosa: “Eu não me sinto cansada pra trabalhar; as outras pessoas é que acham isso. O peso não me incomoda no meu trabalho.”

A partir dos relatos acima, as falas das mulheres do Grupo Colméia se voltam para uma nova problemática, relacionada, segundo elas, ao corpo gordo: o **preconceito**. O qual ainda é bastante forte nas sociedades contemporâneas ocidentais, pois a gordura pode produzir exclusão social, discriminação (FELIPPE, 2003).

O lugar de cada corpo no mundo ainda depende muito de seus aspectos visuais. O padrão instituído como melhor e “normal” para a sociedade ocidental, hoje, seria de um indivíduo magro e esguio. Exigência essa que acaba produzindo determinados comportamentos com relação aos corpos gordos, os quais são tidos como diferentes, ou seja, aqueles que de acordo com Veiga-Neto (2001) contaminam a “pretensa pureza, a suposta ordem, a presumida perfeição do mundo”. (p. 107)

Dessa maneira, a valorização do corpo magro, de acordo com o padrão estético estabelecido e disseminando, cria uma percepção negativa em relação à gordura, que são manifestas pelas mulheres. Na concepção de algumas delas, a gordura é um obstáculo para a entrada no mercado de trabalho. Algumas enfatizam essa colocação:

Acácia: “Na hora do serviço tem preconceito. [...]; acham que a pessoa não vai ter o mesmo pique que uma magrinha. Acham que a magrinha tem mais agilidade.”

Orquídea: “Eles acham que a magrinha anda mais rápido e a gordinha tem a perna mais colada. Eu acho que é isso.”

⁷ Trabalha como empregada doméstica.

Percebe-se que as enunciações de que a gordura torna o sujeito imóvel, pouco ágil e indisposto, agrega-se de uma maneira bastante forte para “*Acácia*”. Em falas anteriores ela acopla o seu corpo gordo a esses fatores, porém, critica, juntamente com “*Orquídea*”, em outras galas, aqueles que rejeitam os gordos no mercado de trabalho. Isso mostra o quanto a linguagem tem o poder de constituir os sujeitos, normatizando sua maneira de pensar, nomeando o indivíduo como dentro ou fora dos padrões sociais aceitáveis, classificando-o como “normal” ou “anormal”, moralizando os corpos e suas ações (GOELLNER, 2008).

Outro aspecto manifestado pelas mulheres é em relação aos adjetivos agressivos atribuídos àquelas pessoas consideradas gordas. Algo que traz constrangimento e sofrimento.

Violeta: “Eu ficava triste quando era mais gorda e mais nova; tinha um guri na frente da minha casa que me chamava de ‘Boto rosa’; nem queria mais passar pela rua da casa dele e quando passava já passava chorando [...]”.

E, por fim, “*Acácia*” afirma que:

Acácia: “o preconceito no meio e piora mais ainda. Se a pessoa já se sente pra ‘baixo’, vai se sentir muito mais, né! Vem um e olha; vem outro e fala; não tem que falar!! Porque se fala: ‘olha como a fulana tá gorda,!’. Se tu já tá com tua auto-estima lá em baixo vai ficar pior ainda. As vezes o que tu precisa é de uma palavra amiga.”

Através desses relatos ficam evidentes as relações de poder, “arrumando” os sujeitos de modo diferenciado dentro da sociedade (Foucault, 2002). Isso inclui e exclui os indivíduos, hierarquizando-os.

Agora, em outro momento das discussões, as falas das mulheres abordaram a questão da **sexualidade**. Novaes (2006) enfatiza que a mulher gorda, que é considerada feia por causa do seu excesso de gordura, acaba tendo sua sexualidade afetada, pois sua imagem é desvinculada da beleza e, portanto, do poder de atração e de incitação do desejo sexual masculino (p. 242). Com isso, passa-se a entender a beleza e a atração sexual, segundo a autora, como sinônimas e, então, ser bela é uma condição para se despertar o desejo do outro. Porém, as falas de “*Tulipa*” evidenciam o contrário.

Tulipa: “Eu tenho medo de emagrecer, pânico! Porque gosto de ser assim”.

Tulipa: “Há eu tiro a roupa! Não é matagal é tudo bem feitinho!! Me sinto bem a vontade; se tá tudo bem limpinho, bem feitinho, eu não tenho vergonha. Ai meu marido diz: ah se eu te pego!”

“**Tulipa**” afirma ser bela e vincula a sua gordura a essa beleza, demonstrando não ter vergonha de expor o seu corpo gordo. Ela também deixa transparecer o quanto se sente a vontade com seu marido, o qual, segundo “**Tulipa**”, possui atração sexual por ela, indo de encontro à idéia exposta por Joana Novaes (2006).

A exposição ao olhar do outro, mencionada por “**Tulipa**”, porém, não é algo confortável para todas como é para ela. Em uma sociedade que estimula a superexposição dos corpos, estar fora dos padrões estéticos pré-estabelecidos causa, para a maioria das pessoas, incômodo, pois não seria qualquer corpo que poderia se exhibir, somente os com formas tidas como esbeltas receberá aprovação. Qualquer contorno diferente poderá atrair olhares de condenação e censura como expõem “**Jasmim**”, em sua fala:

Jasmim: “Esses dias fui buscar minha guria no colégio e ai uma guria disse assim para mim: ‘ai até onde tu vai engordar, como é que tu pode come tanto e engorda!’”

Nas falas da maioria das mulheres é enfatizada a busca pelo olhar de aceitação do outro, aspecto marcante neste grupo, o qual lhes conferiria uma valorização de sua feminilidade. Porém, as falas abaixo mostram que se expor a esse olhar, ou até mesmo ao próprio olhar, é uma barreira a ser transposta por elas.

Acácia : “a gordura me incomoda como mulher. Porque, assim, pra bota uma calcinha fica melhor olhar quando tá mais magra. É, fica melhor os negócio, né? Quando engorda, tu já viu, fica feio o caso!”

Jasmim: “Eu me acho no espelho muito gorda. Já nem me olho. Peguei o espelho e tapei, peguei minha toalha de cima a baixo pra mim não me olhar mais.”

Enquanto que para as mulheres esbeltas o corpo se apresenta como algo a ser admirado, visto, estando pronto para despertar o desejo, percebe-se que para “**Acácia**” e “**Jasmim**” que se consideram gordas, o melhor seria não se expor aos olhares de desaprovção, sejam eles reais ou imaginados. “**Violeta**” e “**Jasmim**” também relatam que sentem vergonha de mostrar seus corpos despidos de roupas para seus cônjuges:

Jasmim: “Eu tomo banho, eu coloco a roupa ou pego a toalha e me enrolo. Ai ele (marido) diz assim: ‘Ai tira essa toalha!’ . Ai eu digo que não, porque tô muito gorda; ai me tapo na cama e depois eu tiro.”

Violeta: “Com o meu marido eu faço tudo de luz apagada.”

As falas demonstram insatisfação em relação aos seus corpos gordos; fato que faz com que elas se sintam constrangidas diante de seus maridos. Para essas mulheres a gordura é algo “feio”, por isso, é melhor esconder do que exibir o “indesejável”.

No entanto, é interessante observar que nenhuma das mulheres relataram que tivessem sido rejeitadas por seus companheiros, fazendo pensar que talvez essa negação não exista. Essa possível rejeição pode partir somente delas. Uma das falas de “**Jasmim**” possibilita essa suposição.

Jasmim: “Eu até tapei o espelho, porque eu me olho no espelho e me vejo toda gorda. Ai eu digo pro meu marido que to toda gorda; ele diz não.”

Com isso, enaltecer a ideia do corpo magro como um ideal a ser alcançado, reflete uma ansiedade da maioria das mulheres do Grupo Colméia, mesmo que esse objetivo não seja para satisfazer a si, mas para alcançar a aprovação social e familiar. Porém, a rotina que segundo elas deveria se ter para atingir tal finalidade (dieta e exercícios físicos) é impossível quando pensada no contexto em que elas estão inseridas, e é nesse ponto da conversa que elas abordam sobre sua **situação econômica**.

Essas mulheres residem no bairro Assis Brasil e que possui, em seus arredores, entre outros, os bairros Castelo Branco e Cidade de Agueda, locais caracterizados pela extrema pobreza. Por isso, as falas retratam a dificuldade financeira vivida por elas:

Violeta: “A gente não tem muita coisa pra fazê. Quando tem um dinheiro sobrando tem que comer bem, né.”

Acácia: “[...]. Pobre fica contente quando tem um pedaço de carne pra bota em cima da mesa. Quando bota fica feliz da vida e come tudo de uma vez só, de preferência.”

Diante das falas acima, as mulheres evidenciam que consideram comer uma experiência prazerosa. Autoras como Castro (2011), Ferreira e Magalhães (2011) constataram que o aumento de peso corporal cresceu em mulheres com renda mais

baixas. De acordo com Demo (apud CASTRO, 2011), isso ocorre devido ao consumo de alimentos mais calóricos e menos nutritivos, visto que esses são os com preços mais baixos. Esse grupo até pode entender a necessidade de uma alimentação mais saudável, entretanto, o consumo de alimentos dessas mulheres é, geralmente, os mais baratos e com maiores calorias.

Outro ponto enfatizado por uma das mulheres é em relação à atividade física, a qual na sociedade é destacada, pois é através dela (além de outras) que se revelam os cuidados com o corpo. Del Priore (2000) afirma que o corpo desejável é “um corpo de ‘classe’”, pois ele pertence aos sujeitos que possuem condições econômicas para frequentar academias, ter um personal trainer. Em sua narrativa, “**Acácia**” vai ao encontro da ideia da autora e relaciona o exercício físico com academias de ginástica, não conseguindo perceber essa atividade em outros espaços e com outras possibilidades.

Acácia: “Na situação que a gente se encontra hoje academia é pra quem tem dinheiro. Porque pobre passa pela academia e só vai olhando, porque dinheiro pra pagar...”

Além disso, sua fala expressa um sentimento de exclusão: se ela não pode frequentar uma academia significa que está excluindo uma boa possibilidade de alcançar seu objetivo, que é o de ter um corpo magro e saudável.

Diante de todas essas narrativas colocadas pelas mulheres do Grupo Colméia, se pode, então, iniciar as considerações dessa pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: SOBRE AS CONCEPÇÕES

A “finalização” dessa pesquisa relata o quanto ela possibilitou olhar para as mulheres do Grupo Colméia como seres únicos, culturais e sociais, os quais reafirmam ou contestam “verdades” estabelecidas pela sociedade. Compreender o corpo gordo permite pensar sobre a gordura, através de diferentes aspectos, que não somente os biológicos, possibilitando um olhar diferente para essas mulheres.

Assim, essa pesquisa demonstra através das falas das mulheres do Grupo Colméia, o quanto seus corpos estão presos a linguagens e técnicas de disciplinamento e isso faz com que elas promovam uma busca incansável por um corpo magro, mesmo

que esse objetivo não seja para satisfazê-las. Elas se atribuem o dever de serem belas e saudáveis⁸ para que possam ser aceitas pela sociedade e suas famílias.

As mulheres do Grupo Colmeia se percebem corporalmente imperfeitas, bem como desarticuladas do panorama da moralização da beleza e saúde, no qual o corpo magro é o protagonista. Isso estabelece um culto à magreza, fazendo com que elas tenham um corpo que ao mesmo tempo em que é seu não lhes pertence.

Porém, *Tulipa*, que se considera gorda, evidencia a sua satisfação corporal e associa sua beleza à gordura; uma maneira “diferente” de sentir o corporeidade dentro de uma sociedade que prima pela magreza. Entretanto, o restante do grupo possui suas concepções de corpo vinculadas às “verdades” que criam padrões pré-estabelecidos sobre a corporeidade feminina. Dessa forma, a maioria das mulheres do grupo adota, sem muitos questionamentos, a linguagem que elege o corpo magro como belo e saudável.

Assim, depois de tantas falas e de tantos olhares diferentes sobre o corpo, chega-se ao “final” dessa etapa de trabalho, a qual produz tantas outras possibilidades de pesquisa. Quem sabe...

ABSTRACT

FEMALE FAT BODY: CONCEPTION THEMSELVES

The objective of this research is to analyze the conceptions of women's bodies of Colméia Group, from Rio Grande - RS, who consider themselves fat. As methodological referential, it was used the Cultural Studies, and the Focal Group served as a tool for obtaining information, which were analyzed through Content Analysis. The narratives of women demonstrated that they are stuck by the power that controls the body through an standard ideal of beauty and health. Being beautiful for most of them is to have a skinny and healthy body.

Word keys: Culture, Women, Body Fat

⁸ Uma beleza e saúde padronizada, a qual tem como objetivo o corpo magro.

RESUMEN

CUERPO GORDO FEMININO: CONCEPCIONES ELLOS MISMOS

El objetivo de esta investigación es analizar las concepciones de cuerpo de las mujeres del “Grupo Colméia”, de la ciudad de Rio Grande – RS, que se consideran gordas. Como referencial metodológico se usó los estudios culturales y el “Grupo Focal” sirvió como herramienta para la obtención de las informaciones, las cuales fueron analizadas a través del análisis de contenido. Las narrativas de las mujeres demostraron que ellas están aprisionadas al poder que controla el cuerpo a través del ideal de belleza y salud padrón. Ser bella para la mayoría de ellas es tener un cuerpo delgado y saludable.

Palabras claves: cultura, mujer y cuerpo gordo

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Sandra dos Santos. Saúde e beleza do corpo feminino – algumas representações no Brasil do Século XX. *Revista Movimento*, Porto Alegre: v. 9, n. 1, janeiro/abril de 2003. p.119-143.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

CARVALHO, Maria Cláudia, MARTINS, André. A Obesidade como Objeto Complexo: Uma abordagem filosófico-conceitual. In: BAGRICHEVSKY, Marcos, PALMA, Alexandre, ESTEVÃO, Adriana, DA ROS, Marcos. (Org.). *A Saúde em Debate na Educação Física*. Volume 2. Blumenau: Nova Letra, 2006. p.191-210.

CASTRO, Helisa Confield. *Representações Sociais da Obesidade para Mulheres em Situação de pobreza*. Porto Alegre: Trabalho de Conclusão do Curso Nutrição da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

COSTA, Marisa Vorraber. Estudos culturais – para além das fronteiras disciplinares. IN: _____ (org.). *Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura e cinema*. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 2000. p. 13-36.

COSTA, Marisa Vorraber, SILVEIRA, Rosa Hessel, SOMMER, Luiz Henrique. Estudos Culturais, educação e pedagogia. *Revista Brasileira de Educação*, n. 23, maio/jun./jul./ago. 2003. p. 36-61.

DEL PRIORE, Mary. *Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil*. São Paulo: SENAC, 2000.

FELIPPE, Flávia Maria Lacerda. O Peso Social da Obesidade. *Revista Virtual Textos & Contextos*, n. 02, 2003.



FERREIRA, Vanessa Alves, MAGALHÃES, Rosana. Obesidade entre os pobres no Brasil: a vulnerabilidade feminina. In: *Ciência e saúde Coletiva*, v.16, n. 04, 2011. p. 2279-2287.

FISCHLER, Claude. Obeso Benigno, Obeso maligno. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de (Org.). *Política do Corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 69-79.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 17. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

_____. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 115-192.

GATTI, Bernadete Angelina. *Grupo Focal na Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas*. Brasília: Liber Livro, 2005.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. *Sentir, Pensar, Agir*. Campinas: Papyrus, 1997.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A Educação Física e a construção do corpo da mulher: imagens de feminilidade. *Motrivivência*. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, n. 16, 2001. p. 35-52.

_____. As práticas corporais e esportivas e a produção de corpos generificados. In: SOARES, Guiomar Freitas, SILVA, Méri Rosane santos da, RIBEIRO, Paula Regina Costa. (Org.). *Corpo, Gênero e sexualidade: problematizando práticas educativas e culturais*. Rio Grande: FURG, 2006. p.35-40.

_____. A produção cultural do corpo. IN: LOURO, Guacira Lopes, FELIPE, Jane, GOELLNER, Silvana Vilodre. (Org.). *Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 28-40.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. IN: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p. 9-33.

MARTINS, Jaqueline. *Tudo menos ser gorda: a literatura infanto-juvenil e o dispositivo da magreza*. Porto Alegre: Dissertação de mestrado da UFRGS, 2006.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e Educação: teoria e política. IN: LOURO, Guacira Lopes, FELIPE, Jane, GOELLNER, Silvana Vilodre. (Org.). *Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 9-27.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. *Revista Educação*, Porto Alegre: v. 22, n. 37, 1999. p. 7-32.

NELSON, Cary, TREICHLER, Paula A. e GROSSBERG, Lawrence. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995. p. 7-38.

NOVAES, Joana de Vilhena. *O Intolerável Peso da Feiúra: sobre as mulheres e seus corpos*. Rio de Janeiro: PUC - Rio, 2006.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Cuidados de Si e Embelezamento Feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. IN: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de (Org.). *Política do Corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 121-139.

_____. *Corpos de Passagem*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. p. 13-26.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Os estudos culturais e o currículo. In: _____. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 131-138.

SOARES, Carmem Lúcia, FRAGA, Alex Branco. Pedagogia dos Corpos Retos: das morfologias disformes às carnes humanas alinhadas. *Pro-Posições*. v.14, n. 2, mai/ago. 2003. p.77-90.

SOARES, Guiomar Freitas. Mulher e Espaço Escolar: uma discussão sobre as identidades de gênero. In: SILVA, Fabiane Ferreira da, MAGALHÃES, Joanalira Corpes, RIBEIRO, Paula Regina Costa, QUADRADO, Raquel Pereira. (Org.). *Sexualidade e Escola: compartilhando saberes e experiências*. Rio Grande: Furg, 2008. p. 81-87.

SOUZA, Nádia Geisa Silveira de. Que Corpo a Escola Produz?. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa (org.). *Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar*. Rio Grande: Furg, 2008. p. 30-31.

VEIGA-NETO, Alfredo. Incluir para Excluir. In: LARROSA, Jorge, SKLIAR, Carlos (Org.). *Habitantes de Babel*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 105-118.

VIGARELLO, Georges. Panóplias Corretoras: balizas para uma história. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de (Org.). *Política do Corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 21-38.

Endereço: Travessa II, 66; Bairro: Vila Veneza, São José do Norte.
E-mail: gauteriocarla@yahoo.com.br
Recurso para apresentação: Power Point